



ALFABETIZANDO E LETRANDO: EXPERIÊNCIAS NO PIBID

ANDRADE, Erica Batista¹ - UEPB

ANDRADE, Raquel de Sousa² - UEPB

FONSECA, Mahatma Maria Souza³ - UEPB

LIMA, Izabel Cristina Marcelino⁴ - UEPB

SILVA, Alzira Maria de Lima⁵ - UEPB

Subprojeto: Pedagogia

Resumo

Neste artigo objetiva-se narrar como vem se dando a aproximação de licenciandas ao que se define como seu futuro ambiente de trabalho - a escola -, por meio de um programa que difere do estágio supervisionado oferecido na graduação, e refletir sobre a sua influência na formação de estudantes de Pedagogia. Para tanto, são apresentadas informações pertinentes ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, seguidas pela caracterização do *locus* da experiência e pela descrição de atividades realizadas, destacando, entre estas, um projeto de leitura, realizado com a finalidade de promover o letramento de uma turma de 4º ano. A reflexão se dá à luz de documentos oficiais e de estudiosos, como Bagno (2012), Sartori (2011), Weisz e Sanchez (2002), Vasconcellos (1999), dentre outros. Vivenciar a docência nos moldes propostos pelo PIBID, lidando diretamente com os problemas postos pelo cotidiano escolar, pode servir de alerta para o compromisso que se vai assumir cada vez que entrar numa sala de aula como profissionais. Sistematizar informações para a elaboração desse artigo fez ver com maior clareza a importância da articulação entre a universidade e a escola de educação básica no intuito de proporcionar formação de melhor qualidade para os licenciandos.

Palavras-chave: Licenciatura. PIBID. Leitura. Letramento.

¹ Graduanda em Pedagogia (erica89.andrade@gmail.com)

² Graduanda em Pedagogia (raquelpb@hotmail.com)

³ Graduanda em Pedagogia (mthmsouza@gmail.com)

⁴ Graduanda em Pedagogia (izabel_crisinasouza@hotmail.com)

⁵ Graduanda em Pedagogia (alziralima37@hotmail.com)

Introdução

Este artigo é um relato de experiência de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação, na cidade de Campina Grande – PB, em turmas de 4º ano. Acompanhamos a primeira turma durante o segundo semestre de 2012. Ao retornarmos à escola, após as férias de janeiro de 2013, passamos a acompanhar uma nova turma e a experiência ainda está em andamento.

O PIBID é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tem por finalidade promover a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira.

Somos um grupo de cinco licenciandas que faz parte do Subprojeto Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – *campus I* - e estamos vivenciando a experiência de iniciação à docência sob a supervisão de uma professora que tem vasta experiência docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tanto em escolas da rede pública como da rede privada de ensino. Ela tem a atribuição de acompanhar as nossas atividades presenciais em conformidade com o PIBID, e assumiu a responsabilidade de nos proporcionar condições adequadas para o desempenho do nosso papel na sua sala de aula.

A fim de que se possa entender com mais clareza como está sendo vivenciada a nossa experiência consideramos necessário caracterizar a escola onde ela está se dando, bem como as turmas com as quais vimos desenvolvendo as ações que são apresentadas neste relato. Ao longo dessa apresentação, fazemos uma reflexão com base em documentos oficiais como Parâmetros Curriculares, Parecer e Programa de Formação de Professores, e de estudiosos que vêm subsidiando teoricamente nossa ação, como Bagno (2012), Sartori (2011), Weisz e Sanchez (2002), Vasconcellos (1999), dentre outros.

O desafio da iniciação à docência

Em agosto de 2012 iniciamos nossas atividades a partir da observação da escola como um todo, antes de irmos para a sala de aula. Sinteticamente, podemos dizer que a EEEF de Aplicação, situada à Rua João Lélis, S/N, no bairro do Catolé, em Campina Grande – PB foi fundada em 01/05/1960. Trata-se de uma instituição laica que oferece os níveis I e II do Ensino Fundamental a 934 alunos numa edificação que se encontra

em bom estado de conservação, dispõe de espaço interno e externo condizente com as exigências legais para a realização de suas atividades, e que apresenta IDEB de 4,9.

A sala de aula destinada à turma do 4º ano é bem iluminada e oferece espaço adequado ao número de alunos. Nos nossos primeiros contatos com a turma percebemos grande carência nos aspectos social, afetivo, emocional e comportamental, e déficit de aprendizagem. Então, realizamos uma avaliação diagnóstica com o objetivo de detectar suas necessidades e dificuldades para que pudéssemos desenvolver atividades significativas ao seu processo de aprendizagem, pois, como afirma Vasconcellos (1999, p.190), diagnosticar “é identificar os problemas relevantes da realidade, ou seja, aqueles que efetivamente precisam ser resolvidos para a melhoria da qualidade de vida da comunidade em questão. Um diagnóstico bem feito é meio caminho andado para uma boa programação.”

Por meio dessa avaliação diagnóstica identificamos como problema principal, ou seja, aquele que requeria solução urgente, o déficit em relação ao domínio da leitura e da escrita. Logo, resolvemos elaborar atividades que viessem contribuir para a superação desse problema e preparamos o projeto intitulado “Estudando, Lendo e Brincando”. Decidimos por essa temática porque acreditávamos que propondo aos alunos atividades lúdicas educativas eles participariam mais ativamente das aulas, expressariam seus pensamentos, criticariam e emitiriam suas opiniões, formariam os seus conceitos, uma vez que essas atividades estavam em conformidade com um projeto mais amplo.

Definimos como objetivo principal do projeto habilitar as crianças a ler com compreensão e escrever com clareza, desenvolvendo atividades na perspectiva do letramento, entendendo que este é

o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em praticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da língua escrita e de ter-se inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita. (BRASIL, 2008, p.11)

De acordo com Bagno (2012)

Letramento é um termo importantíssimo, hoje, na educação e na pesquisa linguística. Significa levar uma pessoa a se apoderar da leitura e da escrita e se tornar o mais competente possível nessas habilidades. Para isso ninguém precisa saber o que é uma “oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo”. É preciso ler e escrever, reler e reescrever, re-ler e reescrever sem parar. Automaticamente, no processo de letramento, as regras de funcionamento da língua são adquiridas e interiorizadas, sem necessidade de decoreba de nomenclatura nem de análise sintático-morfológica.

De modo específico, objetivamos que os alunos reconhecessem a importância da leitura para a aquisição de conhecimentos, lessem textos de diferentes gêneros, aprendessem a identificar o gênero textual lido, escrevessem textos considerando as características do gênero proposto, identificassem informações implícitas em entrevistas e diálogos, empregassem corretamente, na escrita de texto, concordância verbal e nominal, conhecessem e respeitassem a diversidade cultural.

A metodologia consistiu em atividades que privilegiaram a interdisciplinaridade, uma vez que foram considerados aspectos relacionados à Língua Portuguesa, à Matemática, à História e às Ciências da Natureza, na locação de livros, na roda de leitura, numa gincana, utilização de jogos didáticos, criação da Hora do Conto, leitura de Histórias em Quadrinhos, produção textual considerando as características de cada gênero proposto, construção de um livrinho, análise de filme, dentre outras. Descrevemos aqui algumas dessas atividades.

Para introduzir na rotina das crianças a leitura feita em casa e fazer com que percebessem que podemos nos divertir lendo, foram confeccionadas sacolas com a logomarca do Projeto para serem utilizadas no transporte de livros que elas levariam para casa. Antes de emprestarmos os livros mostramos os cuidados que deveriam ter, pois seriam emprestados para outros alunos. Assim, seriam responsáveis pelas condições em que os livros retornariam para a escola. Esses livros eram emprestados nas sextas-feiras e devolvidos nas segundas-feiras. Eles ficavam ao alcance de todos e cada um era livre para escolher qualquer obra, estratégia utilizada para que eles tivessem contato direto com várias obras e isso fosse se tornando comum na vida de todos eles.

Antes da devolução dos livros fazíamos a roda de leitura, momento em que eles falavam sobre o que foi lido e expressavam sua opinião. Essa atividade proporcionou vários pontos positivos na vida daqueles alunos uma vez que pensar o que foi lido e expressar sua opinião é comportamento de quem gosta de ler e a troca de opiniões estimula o aprender a ouvir o que o outro tem para falar. No início dessas rodas de leitura líamos uns 15 minutos, pois sabíamos que eles ainda não tinham a paciência de ficar fazendo uma mesma coisa por muito tempo, e nosso objetivo era mostrar para eles que a roda da leitura era algo bom e gostoso e não uma sobrecarga. Aos poucos fomos aumentando o tempo e eles nem perceberam, posto que o hábito da leitura já fora instalado e eles conseguiam prestar atenção em histórias mais longas.

Vimos que o empréstimo de livros e a participação nas rodas de leitura geraram na maior parte daqueles alunos o hábito e o prazer de ler sozinho e o compartilhamento de suas opiniões nas trocas de livros com os colegas, sempre motivados a ler mais. Percebemos aí um início de autonomia em relação à leitura.

Outra atividade de que participamos ativamente foi a organização de uma gincana ortográfica para a qual convidamos as três professoras das salas vizinhas. Juntas selecionamos palavras que seriam sorteadas durante a gincana. Essas palavras foram disponibilizadas para todas as turmas a fim de que as estudassem quanto à pronúncia e à escrita.

A gincana foi realizada com a participação das quatro turmas. De livre e espontânea vontade, alunos de cada turma se inscreveram para competir. Os demais, que comporiam as torcidas, confeccionaram cartazes e inventaram gritos de guerra para incentivar seus representantes. No momento da competição, a estratégia utilizada foi a de sortear as palavras que cada concorrente deveria escrever e ler. A cada acerto iam sendo computados pontos e aos alunos vencedores foram entregues medalhas de ouro, prata e bronze. Os alunos gostaram tanto dessa atividade que nos solicitaram que fosse realizada outras vezes. Essa receptividade nos fez refletir que

nenhuma criança precisa que lhe ensinemos a brincar, pois o jogo e a brincadeira fazem parte da vida das crianças desde o seu nascimento. Podemos sim, como professores e professoras, apresentar novas facetas das brincadeiras, que escondem um imenso potencial: o de preciosas oportunidades de se envolver em práticas de letramento diversas, ao mesmo tempo em que se apropriam das convenções e regularidades do nosso sistema de escrita. Enfim, brincando também se aprende! (BRASIL, 2008, p.35)

A culminância desse primeiro momento na escola aconteceu com a produção de uma peça teatral protagonizada por alunos e bolsistas. O enredo contou com uma mescla de várias histórias infantis que tinham sido lidas durante o semestre, como por exemplo, O Saci e a Reciclagem, e o Sitio do Pica Pau Amarelo, que fizeram vir à tona temas importantes como preservação do meio ambiente, literatura, artes, e que proporcionou um aprendizado prazeroso. No dia da apresentação contamos com a presença de outras turmas, de familiares das crianças e de representantes da gestão da escola, que puderam assistir à encenação da peça, folhear os livrinhos produzidos pela turma e observar outras atividades expostas referentes aos conteúdos estudados no decorrer da realização do projeto.

Ao longo do desenvolvimento do Projeto foi dada ênfase ao acompanhamento individual a fim de detectar as dificuldades do aluno, buscando estimulá-lo e orientá-lo

no esforço de ação e reflexão para ele conseguisse ler com compreensão e alcançasse as aprendizagens que se esperava, como recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

No final observamos que os objetivos foram alcançados e que os alunos passaram a ler mais e a se comportar melhor na sala de aula. A realização desse Projeto nos proporcionou uma rica experiência de iniciação à docência, estimulando-nos a retornar com mais vontade no semestre seguinte.

O desafio continua

No início de 2013 voltamos à escola para reiniciar nossas atividades. Fomos apresentadas à nova turma do 4º ano e realizamos uma avaliação diagnóstica pretendendo detectar problemas em sua aprendizagem a fim de buscar possíveis soluções. Fomos surpreendidas com o resultado. Na turma composta por vinte e oito alunos, nenhum sabia escrever o próprio nome completo e destes, oito não conseguiam sequer decodificar. Decidimos, então, enfrentar esse desafio: trabalhar com vinte alunos com muitas dificuldades de leitura e escrita e oito analfabetos.

Numa sociedade grafocêntrica como a nossa a leitura revela-se uma exigência para o acesso ao conhecimento, tão importante hoje para o mundo de trabalho, participação social e exercício da cidadania. No entanto, cada vez mais estudantes dos anos iniciais têm passado para as séries seguintes sem saber ler e escrever. Prova disso são os exames nacionais para verificação do índice de desenvolvimento da educação básica das escolas brasileiras que têm apresentado baixas médias, as quais são resultantes do mau desempenho dos alunos em leitura.

Em nossas observações na sala de aula percebemos que os alunos que se encontram nessa situação sentem-se envergonhados e sem motivação para continuar a estudar. Diante dessa triste realidade e sabendo que o ensino da leitura é uma complexa tarefa, torna-se um grande desafio para o docente encontrar formas de buscar esse aluno que está potencialmente imerso no fracasso escolar e tentar trazê-lo de volta para o seio da aprendizagem e do desenvolvimento, proporcionando-lhe atividades que despertem o prazer em aprender. E para conseguir esse intento ele terá que intervir com práticas de leitura que levem os alunos à proficiência, fazendo-se necessário romper com as práticas mecanizadas que limitam a aprendizagem da leitura apenas ao livro didático e à decodificação mecânica de signos lingüísticos. Pois, a consequência dessas práticas é

que muitos dos nossos leitores são “capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler” (BRASIL, 2001, p.55).

Observando as necessidades dos alunos a supervisora conversou conosco e apresentou o esboço de um plano de alfabetização que se agregaria ao projeto que havia sido realizado no ano anterior e que retomariamos neste ano (Projeto Estudando, Lendo e Brincando). Assim, foi elaborado um subprojeto a ser realizado com as oito crianças analfabetas, intitulado “Estruturando a leitura no 4º ano do ensino fundamental: um resgate do diálogo do aluno no seu cotidiano”, que teve como objetivo principal vivenciar práticas de leitura a partir da leitura do mundo, tendo como ponto de partida a estruturação da oralidade dos alunos e interpretação de textos construídos por eles. Essa ideia vem ao encontro do pensamento de Weisz e Sanchez (2002, p.21) quando afirmam que “as crianças, antes mesmo de entrarem na escola, passam a ter um repertório de palavras conhecidas, isto é, sabem o que elas querem dizer e conhecem a forma convencional de sua escrita”. Sendo assim, nossa proposta foi resgatar esse repertório levando os alunos à reflexão sobre o que falam, interpretam e escrevem.

A operacionalização dessa proposta aconteceu da seguinte forma: depois do intervalo para merenda e recreação conduzíamos os oito alunos que não sabiam ler nem escrever para a biblioteca ou sala de leitura ou cantina, enfim, utilizávamos os diversos espaços que a escola oferecia. Eles ficavam ansiosos por esse momento, pois, nesses espaços realizávamos jogos educativos, dinâmicas, contação de histórias, leitura de textos informativos, brincadeiras dirigidas, e cantávamos. Nessas atividades cada aluno era acompanhamento individualmente.

Os jogos e as brincadeiras tiveram um importante papel nas atividades, pois à medida que brincavam e jogavam os alunos estavam aprendendo e sentindo prazer em aprender.

Infelizmente essa não é uma prática comum no planejamento de muitas escolas, pois

O jogo é um caso típico das condutas negligenciadas pela escola tradicional, dado fato de parecerem destituídas de significado funcional. Para a pedagogia corrente, é apenas um descanso ou o desgaste de um excedente de energia, mas esta visão simplista não explica nem a importância que as crianças atribuem aos seus jogos muito menos a forma constante de que se revestem os jogos infantis, simbolismo ou ficção, por exemplo. (PIAGET, 1985, p.158)

Ao fazermos a roda de leitura com eles, estimulamos para que todos manuseassem os livros, folheando-os e observando as imagens. Além dos locais já

citados, também realizamos leitura à sombra das árvores e na sala de informática. Como afirmado no Parecer CNE Nº 5/97 quanto à Proposta de Regulamentação da Lei nº 9.394/96

As atividades escolares se realizam na tradicional sala de aula, do mesmo modo que em outros locais adequados a trabalhos teóricos e práticos, a leitura, pesquisas ou atividades em grupo, treinamento e demonstração, contato com o meio ambiente e com as demais atividades humanas de natureza cultural e artística, visando a plenitude da formação de cada aluno. (BRASIL, 1997, p.5)

Ao fazermos esse trabalho percebemos que mesmo sem saberem ler, à medida que escutavam uma história, um poema, uma canção, um texto informativo, eles se interessavam pelo mundo das palavras. Este foi uns dos primeiros passos do projeto a colocar essas crianças em contato com as obras, e assim suscitar a possibilidade de virem a ser leitores.

Também organizamos oficinas de leituras com diferentes gêneros textuais (contos, histórias em quadrinhos, fábulas, textos narrativos e informativos, faturas e receitas), e pesquisa de campo (o que leio, escuto e interpreto). O contato com textos de diferentes gêneros foi de suma importância porque ao utilizar os dados da pesquisa de campo em suas produções, os alunos já tinham a referência dos modelos propostos. Afinal,

Os gêneros dos textos evidenciam essa natureza altamente complexa das realizações linguísticas: elas são diferentes, multiformes, mutáveis, em atendimento à variação dos fatores contextuais e dos valores pragmáticos que incluem e, por outro lado, são prototípicas e padronizadas, são estáveis, atendendo à natureza social das instituições a que a servem. (ANTUNES, 2004, p.50)

Uma vez que o Projeto e o subprojeto se encontram em andamento, esse processo ainda não foi concluído, mas já obtivemos resultados parciais: dos oito alunos que não sabiam ler e escrever apenas dois ainda não conseguem fazê-lo como esperado, acompanhando os colegas. E os vinte que estavam com dificuldades na leitura passaram a ter o hábito de ler e estão se comportando melhor em sala de aula.

O PIBID e a formação docente

O PIBID nos tem dado oportunidade de adquirir novos conhecimentos com os quais pretendemos fazer a diferença na trajetória escolar daqueles que um dia ficarão sob nossa incumbência. Segundo Lacerda (2011),

Nos dias atuais a educação passa por profundas transformações, tendo em vista as mudanças constantes que vêm ocorrendo no mundo. [...] Diante disso, os novos desafios vêm instigando os profissionais da educação a buscarem novos saberes, conhecimentos, metodologias e estratégias de ensino. As mudanças no contexto escolar e social requerem profissionais atualizados e competentes, que estejam preparados para atuar com diferentes problemas.

Participar do Programa está contribuindo para alavancar nossa formação pedagógica, pois participamos de forma ativa e direta no contexto escolar, onde podemos articular as ações desenvolvidas na escola com os nossos estudos nos componentes curriculares da licenciatura, o que nos vem fazendo compreender com mais clareza a necessidade da fundamentação teórico-metodológica. Além disso, a vivência do trabalho coletivo sob a supervisão de uma professora experiente está nos proporcionando a construção de novos conhecimentos, a busca de aprofundamento no estudo dos conteúdos, e aprimoramento das habilidades necessárias à docência, pelo desenvolvimento da habilidade de preparar bem os procedimentos de ensino e de utilizar adequadamente recursos didáticos.

Reiterando o que estamos afirmando Sartori (2009, p.2) assim se expressa:

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, sem dúvida, constitui-se numa das alternativas potenciais para fortalecer a formação inicial, considerando as conexões entre os saberes que se constroem na universidade e os saberes que cotidianamente são produzidos e se entrecruzam nas unidades escolares. A experiência real do professor em exercício na educação básica é relevante por enriquecer a formação inicial e profissional dos licenciandos, bolsistas do programa, uma vez que estes entram em contato direto com a realidade vivenciada diariamente pelos professores de ensino fundamental.

A partir da vivência na sala de aula percebemos a importância do professor como mediador, instigador, pois a professora que nos acompanha sempre busca envolver seus alunos em discussões e interpretação de textos. Como resultado disto percebemos que os alunos são mais participativos e expressam sua opinião e dúvidas durante as aulas, o que é essencial no seu processo de aprendizagem. Neste sentido, Weffort (1995, p.19) reforça que

O papel do educador é vital como mediador, como “fazedor” de boas perguntas que instiguem o olhar curioso. Também como criador de vínculos e de um clima pedagógico que permita a expressão também estereotipada, superando o medo do aluno de “falar bobagem”,

organizando a subjetividade individual como ampliadora do conhecimento que se constrói no grupo, que se constrói no confronto com o outro que faz descobrir o que se sabe e o que ainda não sabe.

Após um ano participando do PIBID podemos afirmar que se trata de um programa de grande relevância para os graduandos de Pedagogia, pois, ao proporcionar nossa inserção na escola, oferecendo condições materiais para que isso possa acontecer, contribui de modo significativo para que experiências do cotidiano escolar sejam vivenciadas por nós já no início da nossa formação. Consideramos esse um fator preponderante no avanço da educação do nosso país, onde o déficit de aprendizagem se revela a cada ano por meio das avaliações internas e externas. Acreditamos que a possibilidade de superação desta realidade tem como ponto de partida o investimento na formação de boa qualidade para os professores, especialmente os que atuarão nos anos iniciais do ensino fundamental, por se tratar da base do processo educativo.

Encontramos em Sartori (2009, p.1) considerações que vêm ao encontro do que vimos afirmando. Em suas palavras:

No que tange ao espaço real da escola, da sua organização e do seu funcionamento, torna-se cada vez mais claro aos pibidianos que tal espaço se constitui também em lócus de formação, espaço em que vigem práticas de caráter inovador perpassadas pelo princípio freireano da ação-reflexão-ação, já outras de caráter apenas enciclopédico, fixadas na transmissão-memorização-reprodução de conceitos e informações. Considero desse modo, que é na intersecção de tais práticas que se encontram as possibilidades de rupturas e de avanços no processo educativo formal.

Desse modo, vemos no Pibid um programa que contribui imensamente na nossa formação por seu caráter inovador de nos oportunizar experiências efetivas de sala de aula, o que não seria possível se não estivéssemos engajadas no programa, visto que os cursos de licenciatura por si só não conseguem abranger uma carga horária de experiência em sala como o PIBID oferece.

Considerações Finais

Neste artigo relatamos a experiência que estamos vivenciando como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), numa escola pública, desde o segundo semestre de 2012. A nossa participação tem ocorrido de forma ativa e tem despertado em cada uma de nós a consciência sobre o fazer pedagógico, contribuindo significativamente no processo de nossa formação inicial de pedagogas.

Desta forma entendemos que está sendo alcançada a finalidade do Programa de promover a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira.

Como licenciandas que fazem parte do Subprojeto Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – *campus* I - vivenciando a experiência de iniciação à docência sob a supervisão de uma professora que tem vasta experiência docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, consideramos o PIBID fundamental na nossa vida acadêmica, por se tratar de um programa que nos oferece a oportunidade de vivenciar um processo significativo e relevante para o ingresso na vida profissional, e que nos faz articular as condições práticas da realidade escolar às teorias estudadas no universo acadêmico.

Consideramos, também, que esta experiência como bolsistas está nos proporcionando crescimento inigualável, pois nos leva a questionar práticas pedagógicas a que estávamos acostumadas, além de analisar materiais e atividades utilizadas no cotidiano da escola, o que nos instiga a buscar a inovação.

Por fim, não podemos deixar de considerar a contribuição do programa para a nossa supervisora, uma profissional da educação responsável e comprometida com o desenvolvimento e a aprendizagem de seus alunos, que está resgatando a sua autoestima ao perceber a relevância do seu papel em relação às bolsistas e ao passar a desenvolver uma prática pedagógica que se desapega do velho para o acolhimento ao novo, se dispondo ao diálogo e assumindo uma atitude de reflexão e autocrítica.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **A aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAGNO, Marcos. **Luta contra o preconceito linguístico**. Beira do Rio. Ano XXVII, nº 112, Maio 2013. Disponível em:
<http://www.ufpa.br/beiradorio/novo/index.php/2012/141-edicao-109--novembro-e-dezembro/1408-entrevista-luta-contr-o-preconceito-linguistico> Acesso em: 16 jul 2013

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 3ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. PARECER CNE Nº 5/97 - CEB - Aprovado em 7.5.97 – Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/diretrizes_p0291-0305_c.pdf

BRASIL. **Pró-Letramento:** Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. – ed. rev. e ampl. Incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 364 p.

LACERDA, Caroline Côrtes. **Problemas de aprendizagem no contexto escolar:** dúvidas ou desafios? Disponível em:

<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1157>

Acesso em: 12 jul 2013.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense/ Universitária, 1985.

SARTORI, Jerônimo. **Formação de professores:** conexões entre saberes da universidade e fazeres na educação básica. In: Anais do II Encontro Institucional do PIBID UFRGS/ Porto Alegre 01 e 02 de março de 2011. Disponível em:

http://www.ufrgs.br/prograd/pibid/anais-do-evento/salas-de-debate/Formacao%20de%20professores_conexoes%20entre%20saberes%20da%20universidade%20e%20fazeres%20na%20educacao%20basica.pdf Acesso em: 17 jul 2013

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 5 ed. São Paulo: Libertad, 1999

WEFFORT, Madalena F. Educando o olhar da observação. In: _____ (Org.) **Observação - Registro - Reflexão:** instrumentos metodológicos. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995.

WEISZ, Telma; SANCHEZ, Ana. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** 2. ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 2002.